



LITERATURA E HISTÓRIA: O PASSADO PRESENTE NAS OBRAS LITERÁRIAS

Obras literárias que incorporam tempos remotos constituem um gênero próprio, o romance histórico. Este oferece novas possibilidades para imaginar outras épocas e, também, para abstrair a contemporaneidade – pois, ao incorporar um fato do passado, o escritor o atualiza e, dessa forma, produz novos sentidos críticos para um acontecimento situado em um tempo distante, o que pode aprofundar as percepções do seu próprio tempo.

Na literatura brasileira do século XX, destacam-se algumas produções ambientadas em épocas conhecidas por seus autores apenas por meio dos estudos da história. São os casos, por exemplo, de *Calabar* (1973), de Chico Buarque, assim como dos romances *O retrato do rei* (1991), de Ana Miranda, *Os sinos da agonia* (1974), de Autran Dourado, ou *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga – os quais, no século XXI, tematizaram os primórdios da colonização

portuguesa, a Guerra dos Emboabas, a Vila Rica barroca e a guerra de Canudos, respectivamente. Mas o que justifica um autor de literatura ou um realizador de cinema (no caso de filmes e novelas de época) desenvolver narrativas de ficção situadas em outros tempos? O que os faz querer reconstituir uma época diferente daquela em que vive? Conceitos como “nostalgia” ou “trauma” seriam capazes de explicar esse impulso criativo?

Essas perguntas foram propostas pelo dossiê “Literatura e história: o passado presente nas obras literárias”, que agora apresenta análises de obras de literatura em que fatos históricos foram tematizados por escritores brasileiros ou estrangeiros. No artigo “A historiografia da imigração alemã ficcionalizada no romance *A ferro e fogo: a chegada dos primeiros germânicos à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*”, Eduardo Ortiz propõe um

estudo comparativo entre *A ferro e fogo* (1981), romance de Josué Guimarães, e obras historiográficas utilizadas para a sua composição. Já Ilse Maria da Rosa Vivian e Guilherme Buzatto, em “Nossas mãos moldando tridimensionalidades: memória e história em *Azul corvo*, de Adriana Lisboa”, propõem aproximações entre narrativas históricas e narrativas literárias, posto que ambas carregam no âmago de suas naturezas uma problemática comum, a da memória. Ester Cordeiro da Fonseca e Juciane dos Santos Cavaleiro, em “Da solidão e do exílio: as fronteiras entre Literatura e História em *A noite da espera* e *Pontos de fuga*”, também se ocupam de analisar a literatura como arquivo memorialístico. Para tanto, elas analisam as obras de Milton Hatoum mencionadas no título do artigo e questionam de que forma atmosferas de opressão e de violência propiciam duas temáticas fundamentais no trabalho do escritor: a solidão e o exílio.

Em “Mentes que resistem e corpos que padecem: memórias das putas comunistas na literatura brasileira contemporânea”, por sua vez, Mariana Link Martins e Claudia Lorena Fonseca debruçam-se sobre *O corpo interminável* (2019), da escritora brasileira Claudia Lage, e evidenciam como a história da ditadura civil-militar de 1964 foi escrita majoritariamente por homens, apesar da comprovada efetiva participação de mulheres. Ao refletir sobre a repressão que elas sofreram, principalmente a violência praticada em seus corpos e os efeitos traumáticos que desencadearam em suas mentes, o artigo visa desconstruir o monólogo masculino que fundamenta a historiografia do período ditatorial.

No artigo “O passado glorioso n’*A Saudade*, jornal do Grêmio Literário Português do Rio de Janeiro Resumo”, Maria Clara Costa Pereira analisa a construção promovida

pela imprensa periódica do século XIX de um passado glorioso português. “Eventos, batalhas, figuras históricas e lendárias são selecionadas e retramadas no século XIX por um grupo de portugueses emigrados como forma de constituírem sua tradição, o lugar que ocupam e o qual devem ocupar”, escreveu a autora. Por fim, em “Da crônica ao romance: guerras turco-russas em *História de Quinze Dias* e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis”, Ana Carolina Sá Teles aproxima as mencionadas obras do bruxo do Cosme Velho a partir de um tema comum apresentado em ambas: as reflexões acerca dos conflitos turco-russos.

Na seção “Poéticas”, inspirados pelas formulações de Marx e Engels – para quem a história não deve ser entendida como algo supra ou extramundano, que ocorre separadamente da atividade comum –, reunimos textos

literários em que a ambientação histórica não ocorre em meio aos grandes episódios do passado, e sim na produção diária da existência. É o que se lê em “A praga do curralinho”, de Pedro Diniz. Nesse conto, um trabalhador rural sente-se confuso e amargurado quando precisa lidar com as diferenças – o que ocorre no momento quando um forasteiro chega a Curralinho. “Aquela jagunçada tomou pirraça de Adonis, pirraça daquela mata daninha, que surge sem ninguém para dar motivo ou para regar. Eu? Eu não sei... Eu espantava ainda, com aquela diferença”. Já em “zoo tycoon 2”, Maria Luana Miranda declara o seu desejo de ordenar a realidade por meio do que entende dos jogos de simulação e dos programas de televisão sobre o mundo animal. Ela escreve: “o passado é onde encontro a possibilidade de me fixar na minha própria ficção, já que o presente me tem de mãos atadas, fugindo da incerteza das consequências”. Por fim, em “Obarnolos”,

Clara Lua desenvolve uma narrativa de ficção com elementos estranhos, em que o grotesco e o violento, de forma alegórica, parecem nos remeter à nossa realidade.

O dossiê “Literatura e história: o passado presente nas obras literárias” apresenta uma entrevista com a Profa. Dra. Maria Zilda Cury, da Universidade Federal de Minas Gerais, em que essa aborda a tendência na literatura brasileira de tematização de momentos específicos do nosso passado. Na entrevista, Cury também disserta sobre as representações da violência na literatura nacional e os desafios éticos de simbolizar eventos traumáticos.

Na seção Teoria, Crítica Literária, outras Artes e Mídias, apresentamos “O texto dentro do texto: metaficção e intertextualidade em *Bufo & Spallanzani*, de Rubem Fonseca, e *Nome Falso*, de Ricardo Piglia”, em que Edione

Gonçalves e Wellington Ricardo Fioruci analisam os processos de metaficção nas obras mencionadas no título do artigo. Outro texto que contamos com a participação neste número é o “A construção poética em *Vermelho Amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós”, de Cristiane Corsini Lourenção e de Vera Bastazin, que se propõe a investigar a construção poética no romance *Vermelho Amargo* (2017) de Bartolomeu Campos de Queirós, com o objetivo de verificar como se dá a produção de sentido do texto a partir de recursos que deslocam o olhar prosaico e automatizado para a experimentação da singularidade e da emoção da arte poética.

Já em “Figurações do leitor no cinema: um breve inventário”, de Gabriela Dal Bosco Sitta, o artigo se inspira no ensaio de Ricardo Piglia, intitulado “O que é um leitor?”

e faz um breve inventário de personagens leitores apresentados pelo cinema.

Em contrapartida, em “Do mestiço à negra dor silenciada: o silêncio na literatura afro-brasileira”, José Mariano parte de entre-lugar histórico em convergência com a identidade social para traçar a contribuição que a figura mestiça dá à obra de Mário de Andrade. Saindo do início conturbado do século XX e voltando à renascença inglesa, onde história e literatura se fundem magicamente sobretudo nas obras de William Shakespeare, o artigo “A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Angústia”, assinado pelo Prof. Dr. Marcel de Lima e por Thiago Silva Martins revisita a peça que moldou boa parte da literatura ocidental numa análise que funde diferentes correntes filosóficas, psicanalíticas e literárias para lançar uma nova luz em seu protagonista homônimo. Por fim, em “Salvação e escrita

em *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho”, Sergio Murilo Fontes de Oliveira Filho debruça-se sobre o tema da salvação no romance. Enfatizando que seu caráter não é religioso, o articulista retoma o pensamento de Jacques Derrida e elabora uma discussão sobre o papel da escrita como agente salvador da história contada.

Na seção Resenhas, em “Uma ciranda de vozes femininas: resenha de *Tradução em (ent)revista: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras*, de Vanessa Massoni da Rocha”, Henrique Provinzano Amaral investiga *Tradução em (ent)revista: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras* (2021), de Vanessa Massoni da Rocha, no qual a interseção de uma multitude de vozes femininas e obras por ora ignoradas tanto pela crítica literária nacional quanto pela comunidade acadêmica expõe os bastidores de uma tradução literária. Já Bárbara Del Rio Araújo documenta,

de maneira precisa, a poesia debutante de André Pelinser em “*O céu das pequenas criaturas*”, lançado em 2021, pela Urutau. Araújo ainda circunscreve a poesia de Pelinser como herdeira de uma interseção entre Virginia Woolf e Mikhail Bakhtin, o sublime e o real, que pode ser interpretada como a mimesis do maravilhamento com o cotidiano.

No resenha “Sagatrissuinorana: O real atravessa a ficção”, Tiago Mendes de Oliveira, Daiane Silva de Andrade e Daniela Rodrigues de Sousa Fernandes nos apresentam o livro de João Luiz Guimarães, mencionado no título, ressaltando suas relações com a escrita roseana, com as tragédias ambientais da atualidade e com o conto clássico “Os três porquinhos”. No caso do texto “Meu Crespo é de Rainha: A Importância da Referência”, Mikaelly Keila Pereira da Silva nos traz uma breve reflexão sobre o livro

infantil *Meu crespo é de rainha*, de bell hooks, ressaltando o trabalho de empoderamento de crianças negras por meio da valorização de seu cabelo natural. Já em “Serei sempre o teu abrigo é um livro lar”, Andressa Bandeira Santana discorre sobre a escrita sensível e acolhedora de Valter Hugo Mãe, em seu livro *Serei sempre o teu abrigo*.

Na seção Em Tese, apresentamos o texto “Literatura e religiosidades de matriz africana: por uma poética afro-religiosa”, em que James Rios de Oliveira Santos e Altamir Botoso propõem uma reflexão sobre uma produção literária afro-religiosa assentada no pensamento animista. Já em “Por que a narradora de Clarice Lispector é na crônica à favor do medo?”, Cristiane de Mesquita Alves apresenta uma análise interpretativa da crônica mencionada no título, refletindo sobre o tema do assédio e sobre suas consequências para as mulheres.

*

Alice Carvalho Diniz Leite
Bruna Stéphanie Oliveira Mendes da Silva
Camila Carvalho
João Pedro de Carvalho
Lorena do Rosário Silva
Tiago de Melo Cordeiro